

ASPECTOS LINGUÍSTICOS DA ESCRITA DE LÍNGUA DE SINAIS REPRESENTADO EM MAPA MENTAL E CONCEITUAL

LINGUISTIC ASPECTS OF SIGN LANGUAGE WRITING REPRESENTED IN MIND AND CONCEPTUAL MAP

William Jônatas Vidal Coutinho¹
Cristiano Severo Figueiró²

RESUMO: O artigo aborda os aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais – Libras que são abrangidos pela escrita de sinais no sistema *signwriting* apresentando um mapa mental e um conceitual para representação do conhecimento. Há como objetivo apontar que parâmetros linguísticos da Libras podem ser percebidos e ensinados ao trabalhar a escrita de sinais em sala de aula junto a aprendizes e utentes desta língua. A pesquisa se justifica no fato de pessoas surdas necessitarem acesso tanto à informação quanto às características de sua própria língua, abordando também a necessidade de acesso e uso de um sistema de escrita que possibilite a difusão de informações e do conhecimento para o registro gráfico. Tratamos de uma pesquisa descritiva usando o método de apresentação de um mapa conceitual que resultou na apresentação dos conceitos linguísticos básicos que podem ser trabalhos em sala de aula por meio do sistema *signwriting*.

Palavras-chave: Libras. Signwriting. Mapa Conceitual.

ABSTRACT: The article addresses the linguistic aspects of Brazilian Sign Language (Libras) covered by the signwriting system, presenting a mental and conceptual map for knowledge representation. The objective is to point out which linguistic parameters in Libras can be perceived and taught when working with sign writing in the classroom with learners and users of this language. The research can be justified by the fact that deaf people need access to information and to have the characteristics of their language covered, addressing the need for access and use of a writing system that enables the dissemination of information and knowledge for graphic recording. Our research is descriptive with the strategy of presenting a conceptual map that resulted in the presentation of basic linguistic concepts that could be worked in the classroom through the signwriting system.

Keywords: Libras. Signwriting. Conceptual Map.

¹Doutorando em Difusão do Conhecimento pelo PPGDC – Universidade Federal da Bahia/ UFBA

²Doutor em Composição Musical- Universidade Federal da Bahia -UFBA

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa teve como objetivo investigar a escrita da língua brasileira de sinais identificando alguns dos aspectos linguísticos dessa língua que sejam abarcados pelo sistema de escrita de sinais (ES) chamado de SignWriting (SW). Este sistema é visto por profissionais da área do ensino de Libras e do atendimento educacional especializado como uma forma de promover a difusão de conhecimento em língua apropriada a pessoas surdas, e importante ferramenta passível de uso na educação formal. Dentre seus objetivos específicos, o apontar de aspectos linguísticos, tais como fonológicos, morfológicos e sintáticos, possíveis de serem transmitidos na escrita de sinais usando o sistema SW. Embora haja a questão de que o ensino da escrita de sinais não é sempre incluído nos cursos de formação e capacitação em língua brasileira de sinais, a hipótese de que os aspectos linguísticos da Libras são abarcados plenamente pela escrita de sinais nos permite questionar a realidade da prática educacional e agir em empenho ao fortalecimento da identidade linguística dos surdos e apropriação de conhecimentos por meio da primeira língua.

Muitas das línguas orais utilizadas pela humanidade são representadas graficamente pela combinação de um número limitado de símbolos fonéticos que dão origem a alfabetos como o que utilizamos hoje em dia no ocidente. (CORREA; CUNHA, 2019). A partir dessas formas de registro e também dos avanços tecnológicos que surgiram, outras formas e sistemas de notação e escrita foram desenvolvidas, como a exemplo: a notação Mimographie e a notação de Stokoe para as línguas de sinais. Contudo o SignWriting (1974) foi o sistema mais aceito e difundido mundialmente. Esse sistema foi desenvolvido a partir de outro sistema chamado DanceWriting. Por sua vez, o Dance Writing foi criado para o registro de movimento, não das línguas de sinais mas da dança, o balé clássico. Pesquisadores dinamarqueses mais tarde buscaram, junto à desenvolvedora do DanceWriting, adaptar o sistema para o registro da sinalização de surdos. (CORREA; CUNHA, 2019).

É necessário analisarmos os elementos básicos envolvidos na escrita da Libras, os pontos importantes quanto a transposição da expressão sinalizada para a forma escrita da Libras que se deseja adotar e os parâmetros linguísticos que são notados na utilização do sistema. Embora possuam características particulares em suas formas,

sinalização/fala e escrita estão intimamente relacionadas e estas relações podem ser identificadas e apontadas como buscamos fazer na apresentação do mapa mental e mapa conceitual dos aspectos linguísticos da Libras no SignWriting.

2. Materiais e Métodos

As informações no artigo são fruto da revisão do texto do mesmo autor desta pesquisa, Coutinho (2020), que publicou no livro eletrônico “Educação em foco: letramentos e acessibilidade no ensino” o artigo “Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais no SignWriting”.

Na diversidade de formas de representar e apresentar o conhecimento, aqui utilizamos um mapa mental e um mapa conceitual por serem instrumentos individualizados, hierárquicos ou não e ao mesmo tempo identificativos. Os mapas mentais podem ser usados como método de armazenar, organizar e priorizar informações de forma escrita usando palavras ou imagens que geram lembranças específicas e estimulam a reflexão de ideias (KRAISIG; BRAIBANTE, 2017). Na vantagem de externalizar a representação mental quanto às leituras realizadas dos conceitos linguísticos em Libras, o recurso de mapas mentais foi um dos sistemas de representação selecionados. Para apontar a importância e relevância da escrita de sinais.

Um mapa conceitual permite transpor com organização o conhecimento adquirido e explicitado pelo pesquisador ao mesmo tempo que permite que o leitor ou aprendiz de um tema tenha mais facilidade em sua assimilação ao perceber as conexões entre os conceitos. Dentre os tipos existentes de mapas conceituais, neste trabalho é utilizado o Mapa conceitual tipo sistema: entrada e saída que permite a organização de informação num formato semelhante ao de um fluxograma com o possível acréscimo de informações de “entrada” e “saída”. Ele tem a vantagem de mostrar as relações entre os conceitos, porém a desvantagem de por vezes ser de leitura mais dificultosa que mapas do tipo teia de aranha devido ao maior número de relações que podem ser estabelecidas nele (TAVARES, 2007).

Para representar os conhecimentos linguísticos da Libras presentes no sistema SW usamos o mapa conceitual tipo sistema de entrada e saída que representa graficamente os conceitos de tal forma que os relacionamentos em cadeia fiquem evidentes. Nele os conceitos e suas ligações aparecem explicitados no mapa, onde os nós

são os conceitos e os links entre os nós são os relacionamentos estabelecidos entre eles.

3. SignWriting e Aspectos Linguísticos de uma Língua de Sinais

Para que uma escrita de língua de sinais seja considerada eficiente em expressar a língua de forma gráfica com os mesmos aspectos ou parâmetros constitutivos que possui, ela precisa ser capaz de expressar as partes que compõem um sinal e a estrutura de sentenças, ou seja, necessita demonstrar claramente que abarca o uso do espaço de articulação da língua de sinais sinalizada na transposição para a escrita dos sinais e os demais parâmetros fonológicos.

O espaço de articulação ou espaço de sinalização compreende desde a área do corpo acima da cabeça e ao alcance da mão até a região abaixo da cintura e as laterais do corpo que também são alcançadas pelo estender dos braços e mãos (CORREIA; CUNHA, 2019). Assim como a articulação da palavra depende de sistemas para a emissão do som essencial para a formação de fonemas, o espaço de articulação/sinalização é de extrema importância para as línguas de sinais, pois, é através do espaço de sinalização que os sinais são formados, as sentenças construídas e as relações sintáticas estabelecidas (COUTINHO, 2020).

Como o corpo humano está naturalmente na vertical a apresentação da ES na vertical permite que os sinais sejam transcritos de forma mais natural e lidos com mais naturalidade como acontece na percepção da Libras sinalizada. Por meio da escrita em colunas e o uso de cinco linhas verticais imaginárias, as relações sintáticas estabelecidas no espaço de articulação são nitidamente escritas com a representação do signo (BARRETO; BARRETO, 2015).

Os aspectos linguísticos das línguas de sinais incluem constituintes fonológicos que são a configuração de mão, o ponto de articulação/locação, movimento, orientação da mão e expressões não manuais (PENHA, 2018). Para conseguir expressar os morfemas, a sintaxe, a semântica e a pragmática da Libras, o sistema SignWriting precisa, antes de tudo, também conseguir abarcar os constituintes fonológicos de uma língua de sinais.

Cada grafema em ES carrega em si, no mínimo, três informações descritivas: orientação de mão, orientação de palma e configuração de mão. Assim, mesmo que sejam analisadas em separado, essas três informações estão escritas através de um único

grafema (CORREIA; CUNHA, 2019).

O ponto de articulação/locação é o lugar tomado como ponto de partida no corpo para a enunciação do sinal. Há quatro regiões principais como pontos de articulação dos sinais, sendo eles a cabeça, o tronco, as mãos e o espaço neutro (CORREIA; CUNHA, 2019).

As configurações de mão são as formas como a mão e os dedos são posicionados para a realização de cada sinal (CORREIA; CUNHA, 2019,). Para que haja movimento é necessário que haja espaço, objeto e tempo e por isso, nas línguas de sinais a mão aparece como objeto no espaço de sinalização e é movimentada em uma certa frequência com repetição ou não do movimento. Os movimentos têm formas na língua de sinais podendo ser retilíneos, helicoidal, circular, semicircular ou sinuoso (CORREIA; CUNHA, 2019). A mão pode se dirigir a uma ou mais direções na realização de um sinal. Dedos, pulsos, braço e antebraço se movimentam dando sentido a palavras e sentenças.

A orientação de palma é a direção para a qual a palma da mão se dirige na realização do sinal. A mão pode estar orientada para a esquerda, direita, para o corpo, para frente, para cima ou para baixo. Adicionalmente, as línguas de sinais também possuem aspectos não manuais, como as expressões faciais, que marcam construções sintáticas e diferenciam itens lexicais. As expressões não manuais são assumidas também na adoção de movimentos pela cabeça, tronco ou mesmo expressões em mais de uma área do corpo (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Para trazer para a escrita as partes de um sinal, as línguas de sinais fazem uso de grafemas. Um grafema nas línguas orais são letras e ideogramas no sistema de escrita. Na ES, os grafemas também são unidades básicas, mas formadas com o uso de setas, asteriscos, pontos, símbolos em representação de configurações de mão e demais parâmetros. Estes grafemas assumem as mesmas configurações de mão e demais aspectos linguísticos existentes nas línguas de sinais sinalizadas e também conseguem transpor para a escrita o alfabeto manual.

Na Escrita de Sinais pelo sistema SW, é adotada sempre a perspectiva de quem está realizando o sinal, a perspectiva expressiva. Além disso, mesmo com a sinalização corrente sendo feita de acordo com a característica do falante, com a mão direita ou esquerda, o consenso é que a dominância na escrita seja da perspectiva expressiva destra.

A escrita de sinais demonstra o ponto de vista dos autores ao sinalizarem seus sinais. Por demonstrar a perspectiva/ponto de vista do emissor do sinal, o não preenchimento do grafema na escrita de sinais significa que a palma da mão está virada para o emissor, é visualizada por ele. A palma da mão é mais clara que o dorso e por isso não recebe preenchimento. O preenchimento do grafema indica que o dorso da mão é que pode ser visualizado pelo sinalizante. Assim sendo, a escrita de sinais consegue exprimir o aspecto linguístico da orientação de palma da mão e também as configurações de mão com excelência (COUTINHO, 2020).

Na escrita de sinais as setas têm “o papel de indicar como se dá a movimentação do sinal, demonstrando o modo como o sinal é articulado no espaço de articulação, em relação ao plano parede, ao plano do chão ou ao plano diagonal e às possíveis interações entre eles” (CORREIA; CUNHA, 2019, p. 7).

O uso de cor preenchendo a cabeça das setas mostram a realização com a mão direita e o não preenchimento aponta para a realização do sinal com a mão esquerda. A forma como os grafemas são ou não preenchidos serve para indicar o modo como ele se posiciona nos planos e orientação da palma no espaço de sinalização (CORREIRA; CUNHA, 2015).

As setas e recortes não preenchidos nos grafemas de configurações de mãos conseguem indicar em qual paralelo o sinal acontece demonstrando o movimento assumido e também se o sinal é realizado na ‘vertical em plano parede’ ou na horizontal em plano chão’. O grafema em escrita de língua de sinais pode apresentar corte que serve para indicar o modo como a palma da mão está posicionada no espaço de sinalização. Quando o grafema não apresenta corte isso indica que o sinal é proferido na vertical e proferido na horizontal quando tem uma interrupção, corte, na altura dos dedos (BARRETO; BARRETO, 2015).

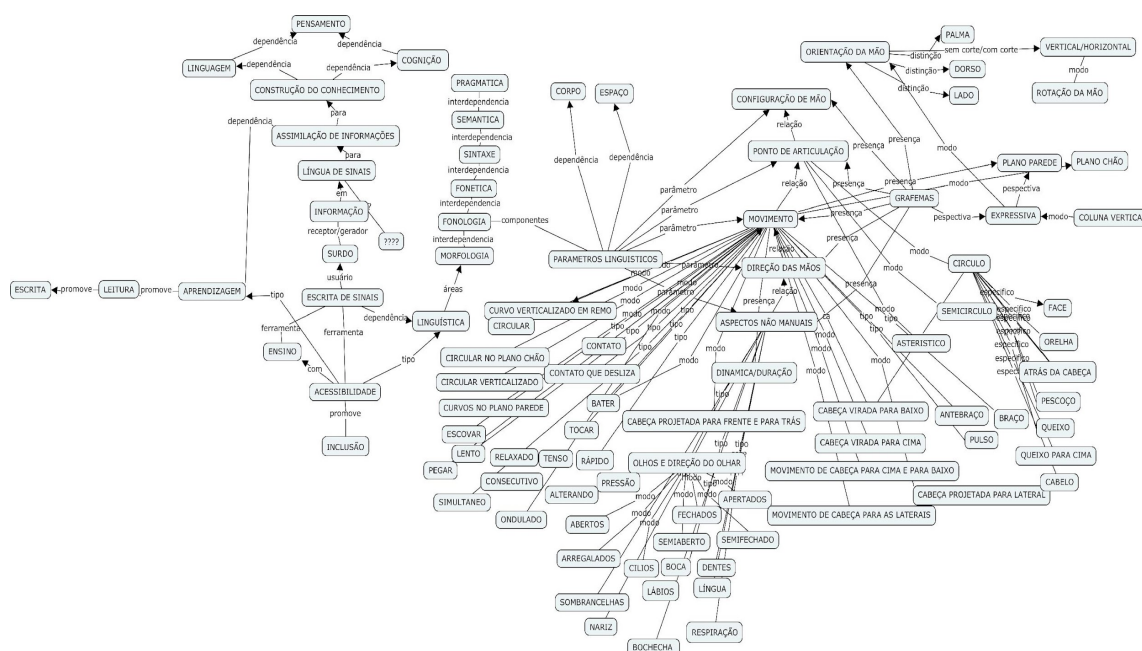
A escrita de sinais também usa de recurso chamado de referência e destaque corporal para delimitar pontos específicos do corpo do falante em que são realizados os morfemas. Traço forte em destaque indica o ponto de articulação como sendo no tronco ou dois traços para indicar a articulação do sinal abaixo da cintura. Os asteriscos indicam toques em certa parte do corpo e podem ser grafados mais de uma vez para indicar a repetição do toque. Um círculo não preenchido representa a cabeça como ponto de articulação ou como fator essencial para a compreensão do sinal. Os recursos são

apenas grafados quando considerados essenciais para a compreensão do signo e podem ser casados ou outros recursos gráficos para representar tipos de movimento e também pontos de articulação, como a adição de semicírculos que podem indicar o lugar exato na face ou na parte de trás da cabeça em que um sinal é realizado. Além disso, é possível grafar as expressões não manuais que venham a ser essenciais para a compreensão do sentido de um sinal, porém seguindo o princípio de economia das línguas para evitar o excesso de informações (BARRETO; BARRETO, 2015).

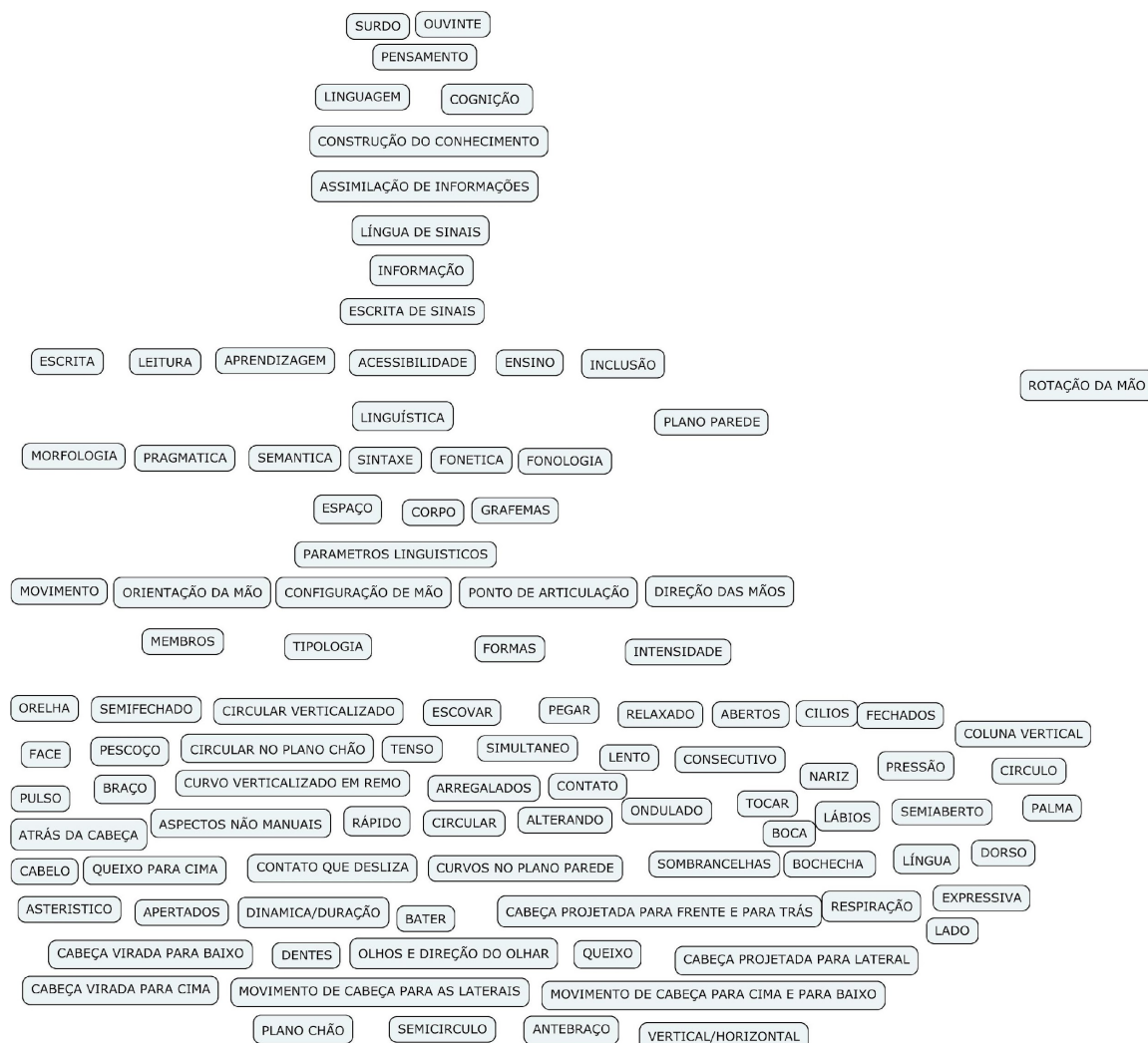
Assim, os grafemas de mão servem para a escrita dos fonemas manuais da Libras expressando com plenitude seus aspectos linguísticos ao fazer uso de pontos referentes como a orientação de mão palmar, dorsal ou lateral, orientação de palma em relação ao planos parede ou chão, configurações de mão e alfabeto manual.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentamos a seguir o mapa mental e conceitual como resultados e síntese das informações apresentadas nos parágrafos anteriores. Fica claro que a escrita da língua brasileira de sinais consegue fazer uso dos aspectos linguísticos dessa língua pelo sistema SignWriting. Assim, os grafemas e todo o arcabouço que é utilizado para escrita dos componentes linguísticos da Libras pelo SignWriting permitem expressar com liberdade as ideias da língua de forma escrita.



Mapa conceitual língua de sinais e escrita.
Fonte: autor.



Mapa Mental língua de sinais e escrita

Fonte: autor

CONCLUSÕES

O aprendizado da escrita de sinais deve ser promovido por profissionais do ensino de Libras e de atendimento educacional especializado como forma de difundir a assimilação de informações sobre os aspectos linguísticos da Libras. Por meio de recursos apresentados em SignWriting é possível estudar e aprender os aspectos fonológicos e morfológicos de uma língua de sinais apoiando o desenvolvimento linguístico. Ainda faltam condições plenas para que o sujeito surdo tenha pleno acesso à escrita de sua língua. A importância da escrita de sinais para os surdos perpassa pela valorização das culturas surdas, identidades surdas e seu direito linguístico de aprendizagem e utilização de uma primeira língua.

A escrita de sinais pelo SignWriting diminui a disparidade entre a sinalização de uma língua de sinais e o uso gráfico do alfabeto de uma língua oral pelo surdo que não percebe sentido direto e ligação dessa escrita com a sua língua materna que tem modalidade visual espacial. Insistir na instrução apenas por meio da modalidade escrita do português sem levar em conta o sistema linguístico utilizado por pessoas surdas e suas possibilidades pode atrapalhar o desenvolvimento linguístico e internalização de uma língua escrita pelo sujeito surdo. O uso do SW possibilitaria estabelecer a simetria entre os usos da língua de forma que o fenômeno de uso da língua aconteça com naturalidade.

REFERÊNCIAS

BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de sinais sem mistérios**. Salvador: Libras Escrita, 2015.

CORREIA, Mariana; CUNHA, Cristian Hernando Sardo da. **Escrita de sinais**. Indaial: UNIASSELVI, 2019. PENHA, Nilma Moreira da. Fonética e fonologia – processo das línguas orais e língua de sinais. / Nilma Moreira da Penha – Indaial: UNIASSELVI, 2018.

COUTINHO, William Jônatas Vidal. **Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais no SignWriting**. Livro eletrônico. Educação em foco : letramentos e acessibilidade no ensino./ Organizadores Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra [et al.]. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

KRAISIG, Ângela Renata; BRAIBANTE, Mara Elisa Fortes. **Mapas mentais: Instrumento para a Construção do Conhecimento Científico Relacionado à Temática “Cores”**. Revista South American Journal of Basic Education. Technical and Technological. Vol. 4, n. 02. 2017. pag. 70-83.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

TAVARES, Romero. **Construindo mapas conceituais**. Revista: Ciências & Cognição 2007; Vol 12; pag. 72-85. Publicado em 26/11/2007.